



A temática central do debate que temos realizado no Fladem Brasil perpassa por aspectos que, para nós, têm sido caros. Principalmente, o quesito formação humana. Esse debate vem acompanhado por currículos, diversidades musicais, pedagogias abertas e o pensamento latino-americano.

Vou me ater ao campo do currículo, pelo arcabouço a qual hoje estou mergulhado, na constante busca por encontrar outras formas de ver o mundo e com ele aprender, diante da ampla tessitura que nele existe, buscando outras formas epistemológicas para a sua composição e criação, enquanto aspecto que se dá no cotidiano.

Temos discutido o campo do currículo, pensando-o de modo plural. Currículos como espaço de encontro de saberes, produções de conhecimentos, construção de sentidos e significados, estes sempre atravessados pelas tensões e os conflitos que contemporaneidade tem gritado a atenção.

Outra perspectiva demarca fortemente nosso cerne militante, nesse formato plural de pensar a Educação Musical são as interações com outras epistemologias e metodologias de *ensinoaprendizagem* que não aparecem nos currículos prescritos, com nos lembra Inês Barbosa de Oliveira (2003, 2012), no qual os conhecimentos são silenciados, invisibilizados e subalternizados, com é o caso da *Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017)*, que escolhe um único conhecimento para a formação de crianças e jovens, praticantes da Educação Básica, sem a promoção de diálogo com os saberes locais.

Nesse ponto de interesse pelo debate da pluralidade de conhecimentos e a diversidade cultural que todos os dias está na sala de aula, seja na escola ou em outros

Ensinoaprendizagem Tenho corroborado com a ideia dos/das pesquisadores/as do campo do cotidiano, que aglutinam palavras por não encontrarem na língua vigente outras que deem o verdadeiro sentido das práticas pedagógicas que acontecem nos distintos espaços educativos. Assim, com ensinoaprendizagem outras terão o sentido de fluxo contínuo e sua separação impossível porque as ações acontecem continuamente e se alimentam simultaneamente uma da outra. Ver trabalhos de Inês Barbosa de Oliveira, Nilda Alves, Maria Luíza Sussekind, Carlos Eduardo Ferraço, entre outros.

Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017) Documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica (BRASIL, 2018). Ver: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

espaços, é interessante pensarmos, que em processos de Educação Musical, práticas pedagógicas são criadas, na rede de ações emancipatórias. Assim, a meu ver, pode acontecer a destituição do conhecimento hegemônico legitimado e então posto em cheque diante dos currículos praticados, que, dia a dia são tecidos pelas redes de saberes, conhecimentos dos que circulam, nos espaços educativos.

Tenho defendido em conversa com Boaventura de Souza Santos (2001, 2004, 2010) a noção de justiça social e justiça cognitiva com meio emancipatório e libertador para repensar e desenhar práticas pedagógicas musicais outras, buscando inserir no currículo conhecimentos que ficam do outro lado da margem abissal que o pensamento Moderno inseriu por meio das perversas ênfases do capitalismo, patriarcalismo e colonialismo nas práticas educativas, como ação de controle social. Nesse entendimento de que é impossível se fazer justiça social sem antes passar pela justiça cognitiva, sonoramente falando é necessário observar e entender quais são as práticas epistemicidas que têm sido demarcadas e legitimadas nos cotidianos de sala de aula, por exemplo. Assim, lanço algumas perguntas provocativas para pensarmos sobre os processos pedagógicos musicais que desenvolvemos. Sinalizo antes, que não é a intenção desse boletim apontar uma resposta. Mas, sim, levantar provocações, perguntas e indagações que buscam movimento em busca de epistemologias para a revolução, como nos convida Linda Martín Alcoff (2016) ao exercício da descolonização.

Será urgente e emergente, nos tempos difíceis e dolorosos que vivemos nós educadores musicais pensarmos em outras práticas pedagógicas musicais? E assim, quais? Para quem? De que modo desenvolve-las? Sobre quais abordagens, aspectos e direcionamentos?

De que modo são desenhados os currículos que praticamos em sala de aula? Estão eles destinados ao propósito da formação humana? Quem são esses humanos? De onde eles vêm? De onde eles falam? Quais são os seus mundos? Quais são os seus valores, crenças, tristezas, angústias desejos? Esses aspectos podem ser inseridos nos currículos?

Pode o pensamento moderno eurocêntrico ainda supremo e hegemônico, ser balizador e orientador das/nas propostas de Educação Musical, nos diversificados espaços de ensinoaprendizagem? A quem interessa essa escolha? O que elas legitimam?

Quais são os mecanismos de privilégios mantidos? Há possibilidade de descolonização para emancipação?

Ao elaborar uma prática pedagógica musical se faz o debate perante a questões apresentadas pela contemporaneidade? Sobre capitalismo, patriarcalismo e colonialismo? É necessário pensar por aí? Quais epistemologias são inseridas no bojo dessas práticas? São promovidos epistemicídios? É um contínuo processo de APARTHEID?

Talvez sejam questões importantes para pensarmos os processos educativos, com culturas, sonoridades e musicalidades, enfim, uma outra Educação Musical - aberta, fluída, oxigenada e principalmente descolonizada das práticas dominantes que assassina conhecimentos diversos em detrimento de um único saber.

Nessa perspectiva dos questionamentos levantados, o campo do currículo tem se apresentado como um amplo espaço de possibilidades e caminhos que podemos nos aprofundar e praticar currículos, com formas criativas e insurgentes, observando os espaçostempos que habitamos, nos lugares que desenvolvemos e praticamos processos de Educação Musical. Ou seja, é ver e ter o currículo como um espaço amplo no qual se concentram e se desdobram as lutas em torno dos diferentes significados, como um conjunto de práticas que propiciem a produção, a circulação e a inserção de diferentes culturas na construção de outras práticas pedagógicas.

E para pensar esse lugar de uma construção epistemológica, para uma descolonização do poder, do saber e do ser, como nos chama atenção Walter Mignolo (2017), vale lembrar que a visão humanizada e educativa apontada por Paulo Freire (1996, 2005), que propõe um formato de educação crítica, dialógica, reflexiva e autônoma, frente aos processos de ensino e aprendizagem, nos distintos espaços de educação, já nos apontava que para romper com as estigmas perversas aplicadas pela Modernidade era necessário transgredir.

Visando a construção de currículos de Educação Musical, que abarque as produções epistemológicas com liberdade autônoma e crítica do saber, diante das realidades vividas no mundo contemporâneo pode ser importante partir de alguns caminhos que Freire nos sinaliza ao destacar que ensinar exige pesquisa, respeito pelos saberes do educandos, criticidade, ética, reflexão crítica sobre a prática, bom-senso, comprometimento, saber escutar, disponibilidade para o diálogo, querer o bem do

outro e, principalmente, acreditar que por meio da Educação é possível a mudança social, cultural, econômica e política.

O caminho aqui eleito para o debate nesse boletim está na busca por provocar o nosso pensamento a construções curriculares com formas artísticas, como aponta Sandra Corazza (2012, 2014, 2015) para burlar o aprisionamento dos conceitos, ideias e abordagens que colocam a Música, com única por meio de um ensino aprisionado aos modelos pré-estabelecidos, em que a energia produtora da Arte, enquanto poética criativa e estética do cotidiano se perde, no emaranhado hierárquico e burocrático, impossibilitando o acesso à Músicas, com fazer educacional como ato de emancipar.

O sentido primeiro desse boletim é uma provocação para pensarmos currículos de Educação Musical, quiçá em Educações Musicais, em que o processo de ensinoaprendizagem esteja vivo e disposto a perceber e inserir nas práticas educativas novos modos de fazeres musicais, novos olhares sobre o cotidiano que nos apresenta múltiplas sonoridades e novos pressupostos teóricos e metodológico longe do aspecto positivista ainda impregnado no fazer pedagógico.

É preciso e necessário que tenhamos a coragem de assumir o compromisso com a formação humana por meio da ética e da responsabilidade social, nós que somos educadores junto com os praticantes dos processos pedagógicos musicais, com vias a uma prática da formação humana corrobore para o conhecimento do Mundo, de si e do outro, sobretudo, produzindo alteridades. Pode ser essa a grande contribuição para a construção democrática para uma sociedade mais justa e humanizada que o Mundo hoje clama.

A título de conclusão, pensamos por meio do ensinoaprendizagem de Músicas, na sua construção de saberes e de conhecimentos particularizados por distintos mundos, que sejam valorizadas as vozes dos indivíduos praticantes, com currículos que possam abarcar a ampla tessitura que constrói a rede do cotidiano.

Que possamos ter a real consciência do nosso lugar de educadores musicais, dos currículos que praticamos e com as sonoridades que devem ser inseridas no processo de Educação Musical, no qual seja possível o diálogo com as perspectivas urgentes e emergentes que contemporaneidade tem revelado. Que as Músicas existentes nesse processo marcado pela cultura e pela educação, no seu modo de acontecer, promova a interface com temas mais profundos que tratam da formação humana, buscando então uma visão mais ampla, aberta e responsável, na luta, hoje, contra arquétipos anti-humanistas, pelo exercício democracia, pela igualdade de direitos para todos os indivíduos e pelo respeito à diferença que é marca de todas e todos nós.

Leonardo Moraes Batista